

SENSIBILIDADES ADMINISTRADAS: SOBRE A DESILUSÃO NAS RUÍNAS DE UM MUNDO

*ADMINISTERED SENSIBILITIES: ON DISILLUSION IN A
WORLD IN RUINS*

Emerson Batista Silva Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i2.183>

RESUMO: O estatuto da sensibilidade na filosofia de Adorno é irredutível às ricas contribuições da psicanálise para a teoria crítica. Justamente por retirar de fenômenos sociais suas principais motivações filosóficas, essa é uma tradição cujo estudo perpassa, necessariamente, o reconhecimento da dor do existente e da dominação enquanto conceito amplo, sob o qual se abrigam diferentes formas de sujeição e de sofrimento. Embora Adorno não possua uma filosofia moral propriamente dita, é possível tecer aspectos de uma dialética da moralidade em suas obras, em que se destaca seu “fundamento somático”. Neste ponto, Adorno e Horkheimer elencam o declínio da compaixão como momento do impulso moral, a despeito de sua necessidade, visto que se encontra subvertida na ordem capitalista, em que ganha novas roupagens de impotência. Dada a asfixia que o mundo administrado impõem às individualidades, torna-se socialmente necessário que toda faculdade sensível e racional, que possa denunciar suas fraturas, seja esvaziada. Especialmente em contextos de graves crises humanitárias, Freud já denunciava a condenação que vive o povo ao agir de acordo com princípios morais que são inaceitáveis, ou seja, que não correspondem às suas motivações pulsionais. Pergunta-se, então: se em Adorno a moralidade é também pulsional, e em Freud há alterações nos destinos da pulsão em contextos de crise e guerra, o que as relações pouco significativas, apáticas e superficiais de sujeitos com os horrores hodiernos denunciam acerca de uma moral alicerçada em sensibilidades administradas para os fins da reprodução social? Para essa problematização, articulou-se, especialmente, o ensaio “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte” (Freud, 2025) e a “Dialética do Esclarecimento” (Adorno e Horkheimer, 1985). Trata-se de uma apologia à crítica e à emancipação das faculdades sensíveis, possíveis alicerces de identificações mais comprometidas com os objetos, que libertem o não-idêntico daquilo que os faz sofrer.



PALAVRAS-CHAVE: Adorno; Freud; Desilusão; Sensibilidade.

ABSTRACT: The status of sensibility in the philosophy of Theodor W. Adorno is irreducible to the rich contributions of Sigmund Freud to Critical Theory. Precisely because it derives its main philosophical motivations from social phenomena, this tradition necessarily involves recognizing the suffering of existence and domination as a broad concept encompassing different forms of subjection and suffering. Although Adorno does not present a moral philosophy in a strict sense, it is possible to outline aspects of a dialectic of morality in his work, especially through his notion of a “somatic foundation.” At this point, Adorno and Max Horkheimer identify the decline of compassion as a moment within the moral impulse, despite its necessity, since it becomes subverted within the capitalist order, assuming new forms marked by impotence. Given the asphyxiation that the administered world imposes on individuality, it becomes socially necessary to empty any sensitive and rational faculty capable of exposing its contradictions. Especially in contexts of severe humanitarian crises, Freud had already denounced the condition in which people are compelled to act according to moral principles that are unacceptable, insofar as they do not correspond to their instinctual drives. Thus, if morality in Adorno is also instinctual, and if Freud shows changes in the vicissitudes of the drives in contexts of crisis and war, the apathetic and superficial relations subjects maintain with contemporary horrors reveal a morality grounded in administratively managed sensibilities, oriented toward social reproduction. This perspective draws particularly on *Thoughts for the Times on War and Death* and *Dialectic of Enlightenment*, defending the emancipation of sensibility as a basis for critical engagement.

KEYWORDS: Adorno; Freud; Disillusion; Sensibility.

Introdução

“[...] a esperança, tal como ela se arranca à realidade, enquanto esta nega aquela, é a única figura em que a verdade aparece.

Sem esperança, a ideia de verdade dificilmente seria pensável [...]”
Adorno, 1949, *Mínima Moralía*

Uma criança brinca, dentre outras razões, por insatisfação. Desejosa por equiparar-se ao mundo adulto, ao qual está subjugada, constrói a própria realidade transitória em que ocupa o lugar dos pais, ou mesmo dos professores, replicando seus trejeitos, suas falas e

suas atitudes em um ambiente controlado. A brincadeira remonta uma realidade ainda inexistente. Trata-se da possibilidade infantil de narrar um futuro que supõe-se como possível e que, dadas as transmissões da cultura, se mostra provável. O adulto, em Freud (2015), fantasia por igual insatisfação, em um processo que alinha passado, presente e futuro para se projetar uma realidade: é necessário que se suscite um desejo no presente, o qual remontará a uma experiência infantil de realização e, em cadeia, produzirá uma concepção acerca do tempo futuro em que se percebem desdobramentos do mesmo desejo, possivelmente sua realização. A temporalidade, como se vê, é ser subvertida na cronologia do inconsciente. Do confronto com a realidade, que ameaça as demandas do sujeito, surgem as moções internas que desenham as ilusões construídas para os fins de orientação e de ordenação do Eu, ilusões estas que, ao passo que são descartadas - na medida em que são colocadas à prova - permitem ao psiquismo reorganizar-se frente às heranças familiares e da cultura e a necessidade de constituir-se em uma alteridade (Freud, 2010b).

Sobremaneira nos dias atuais, porém, “quem quiser adaptar-se, deve renunciar cada vez mais à fantasia” (Adorno, 1995, p.76). Este trabalho, porém, não se trata de uma tentativa caduca de advogar pelo potencial crítico da fantasia. A denúncia de seu declínio, apesar disso, colabora com a denúncia de uma realidade social que se encaminha para a docilização de toda faculdade humana capaz de produzir movimentos que destoam dos princípios do mercado, favorecendo a paralisia frente a dilemas humanitários. Pergunto: como podemos diagnosticar as condições atuais das capacidades de projetar futuros possíveis?; diante das ameaças da realidade, o que as relações pouco significativas, apáticas e superficiais de sujeitos com os horrores hodiernos denunciam acerca de uma moral alicerçada em sensibilidades administradas para os fins da reprodução social?

Decido iniciar este escrito em diálogo com os textos “O poeta e o fantasiar” (Freud, 1908) e “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914), pois eles sugerem dois demarcadores que determinam a capacidade humana de vislumbrar algo objetivamente irreal, a saber: um que trata das transmissões da cultura acerca do que se deve mudar e do que se deve preservar nos conteúdos introjetados e posteriormente retransmitidos; outro que diz respeito à constituição do sujeito diferenciado, que nega modelos pré-determinados de realidade. Pretendo, portanto, me orientar por esta diáde, observando as influências da cultura de massas e da sociedade do

espetáculo, em Adorno e Debord, para a dialética da desilusão em tempos de crise, observada por Freud desde 1915.

O papel que a indústria cultural cumpre na pseudoformação é, sobretudo, o do empobrecimento da vida. Ao produzir um retrato controlado dos recortes que faz da realidade, a *mass media* não conquista a adesão popular pura e simplesmente por incitar o consumo de mercadorias; nem mesmo a estrita repetição dos jargões, das imagens fantásticas ou de discursos falaciosos carregam em si, sozinhos, todo o seu potencial em lapidar os mecanismos da ideologia. Na realidade, ela é forja de pseudo-individualidades que orientam os movimentos massificados; trata-se da realização, no campo da cultura, de uma ilusão da individuação (Adorno e Horkheimer, 1985). Na medida em que as sociedades administradas e sua racionalidade imperante, após a falência do modelo liberal, exigem a acomodação irreflexiva às demandas produtivas, faz-se necessário que as arestas dos impulsos humanos que, como sabemos, são contraditórios por excelência, sejam ou podadas, em favor da submissão plena à realidade objetiva, ou cooptadas, para que as massas atuem em favor da própria dominação e desumanização. O indivíduo supostamente desenvolvido, nesse contexto, é o indivíduo que, a partir dos avanços técnicos, que garantiram algum avanço particular, se rende à competitividade da aparelhagem econômica e transforma a própria intimidade em uma cartela de atributos a serem regulados, sob o paradigma da integralidade e da não-contradição. Acredito haver um eixo que interliga esta perspectiva ao que elabora Debord, em 1967: a operação da produção do espetáculo se dá no nível da síntese da realidade, da homogeneização, da pasteurização do que leva ao sofrimento, que não passam de “uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor” (Debord, *SdE*, §63, p. 42). Esta é a “paralisia da história e da memória” (Debord, *SdE*, §158, p. 108) que, como ideologia, tenta convencer os espectadores e consumidores da universalidade de aspectos que deveriam, na verdade, ser inaceitáveis, em um tempo do qual se esperava uma humanidade mais igualitária e justa.

Os indivíduos aos quais se relegam os conteúdos pré-formados, processados pela maquinaria do marketing, da propaganda, do jornalismo acético e, atualmente, dos algoritmos nebulosos, parecem se refugiar na ideia de que, ao menos, não há bombas, mísseis e prédios inteiros caindo sobre suas cabeças, e que, por isso, devem se satisfazer com os poucos motivos para se continuar trabalhando e vivendo com alguma realização humana. Uma expressiva parcela, porém, apesar de seus esboços inertes de compaixão, sugere maior interesse pelo divórcio de sua *blogueira* predileta, cuja família

será, dizem, “destruída”, à objetiva destruição de lares inteiros, como se viu e se vê em Gaza, noticiada às pressas entre publicidades milionárias. De fato, pode-se argumentar que não é justo exigir que todo trabalhador se ocupe de grandes questões humanitárias, filosóficas ou sociais. Convém pontuar, em contrapartida, que, diante do declínio de uma civilização, questionável deve ser um pensamento e uma organização social que consideram exagero a expectativa de que seres humanos advoguem, inalienavelmente, contra genocídios e catástrofes historicamente planejadas. O trabalho da pseudoformação, pois, é o trabalho do distanciamento do sujeito daquilo que produz seu próprio sofrimento, ao passo que o fundamento de suas percepções de mundo e de si mesmo, agora, prescindem das experiências sensíveis e mediadas, situadas em comunidade e negadas ou introjetadas a partir do contato afetivo com os objetos. Ao não precisar devolver nada de si para os conteúdos pseudoformativos, então, o sujeito se torna ente passivo da relação com a cultura, alheio às imagens do horror (Adorno e Horkheimer, 1985; Debord, 1967; Duarte, 2003).

Adorno (2020), ao colocar em questão o papel da televisão como elemento da mistificação das massas, em seu trabalho “*Televisão como ideologia*”, nos aponta, ainda, para a forma como a indústria cultural incita, nos seus espectadores, um aparente pertencimento aos enredos que desenvolve. Pensemos que, hoje, cada vez mais o debate público se desloca para o contexto dos fragmentos de vídeos curtos e opiniões estereotipadas de comentaristas ignorantes a respeito do que dizem; não é difícil angariar apoio em torno de uma pauta emergente, desde que se saiba jogar com as peças do algoritmo, o qual, sabemos bem, possui um histórico relevante de trabalho em favor de governos e ideários de extrema-direita (Campos Mello, 2020; Araújo, 2024). Nesse movimento, onde alguns podem apontar um espaço democrático para intercâmbio de ideias [a internet], resta a ruminação do ódio reativo ou a exposição esvaziada de conteúdos repetitivos, sem que se perceba que, na realidade, a mobilização em torno de um *post*, ou mesmo de uma reportagem televisiva, é esperada, ou melhor, é necessária para que tenham sucesso. O que se diz e o que não se diz é apenas fruto daquilo que, de forma planejada e lapidada pelo saber científico, “cativa a confiança do espectador adulando sua vaidade intelectual” (Adorno, 2020, p. 236). A indústria cultural não só favorece o personalismo, reduzindo regimes autoritários a “defeitos de caráter de políticos ambiciosos”, mas faz com que as massas sugestionáveis usem do discurso hegemônico como seu próprio discurso, e o reproduzam sob a falácia de que essa mesma indústria estaria “permitindo aos homens

falarem como falam” (Adorno, 2020, p. 227). Torna-se remota qualquer possibilidade de, em face ao absurdo, evadir as fronteiras do que está dado, projetando o pensamento em elaborações que ameacem criticamente a tragédia do existente.

Em “*Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*”, Freud (2010a) usa do contexto da Grande Guerra para propor uma crítica ao que haveria minado, nos cidadãos de países em conflito, a capacidade de crer em alternativas ao uso da força e do combate para a resolução de divergências humanas. Para ele, a guerra explicita uma contradição moral: as nações que suplantaram elevadas normas ao seu povo, agora se voltam para povos externos prescindindo dos princípios impostos internamente. Esta falsa moralidade externa confunde os cidadãos acerca da relação com a própria cultura, o que produz fraturas nos ideais compartilhados de civilização. Como afirma Freud (2010a), “é assim que o cidadão do mundo civilizado, que mencionei anteriormente, pode ficar desamparado no mundo que para ele se tornou estrangeiro” (p. 106). Mattuella (2010), em um percurso com o mesmo texto freudiano, compreende a desilusão como uma crise da transmissão simbólica da tradição. Os tempos de crise teriam produzido, gradativamente, entraves aos grandes referenciais simbólicos e às figuras reguladoras, produzindo um modelo de sujeito “profundamente solitário em um mundo de formas inexatas e sem nitidez” (p. 76). Desamparado, alimenta-se da “subjetividade industrializada” que ele “consome avidamente, de modo a preencher o vazio da vida interior da qual ele abriu mão” (Kehl, 2015, p. 77)

Retomemos o que deu início a esta explanação: o que sustenta o fantasiar é, de um lado, a oferta pela cultura da possibilidade de alterar a realidade e, de outro, a negação do indivíduo do que a ele se impõe coercitivamente e contraria seu desejo. Eis, então, o enredo que sustenta a desilusão nos tempos atuais e sua relação com a administração da sensibilidade: uma cultura que não suporta novos modelos de realidade e os descarta, a frustração generalizada frente à apologia ao sucesso individualista, a defesa de mentiras manifestas - as do mercado, as da mídia pseudoformadora - como alternativa à ausência de projetos humanitários que façam frente à catástrofe. Suscita-se, assim, a negação da própria realidade, sob o medo de identificar-se e, portanto, de ser necessário dar-se conta das condições objetivas e subjetivas que aproximam as civilizações, progressivamente, do colapso. A apatia, por meio da qual não é possível se conectar libidinalmente a um objeto, a não ser que dele se possa extrair algum ganho narcísico, é recurso célere das novas subjetividades (Birman,

2011; Ramos, 2004). O que nos fixa na realidade - e o conhecimento disto deve-se a psicanálise e seu interesse primordial pelas questões orgânicas - é a inscrição psíquica de um corpo biológico, a partir da qual a noção de um Eu e de uma alteridade se estabelecem (Freud, 2010a, 2010b). O corpo, porém, já não é mais artifício privado, pois estas delimitações já não são mais efetivas. Debord (1967) afirma:

O espetáculo, que é a extinção dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu que a presença-ausência do mundo assedia, é igualmente a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda a verdade vivida sob a presença real da falsidade garantida pela organização da aparência (*SdE*, §219)

Entre o que se acredita possuir, mas lhe foi retirado, e o que lhe foi dado como se o pertencesse, parece não haver saída se não a pseudorealidade oferecida, em que Gaza é um mundo distante, uma resultante, como qualquer outra, da ambição de líderes psicopatas e de terroristas bestializados. As cenas do horror não dificilmente poderiam figurar ao lado dos programas cômicos e dramáticos, como aqueles analisados por Adorno (2020), ao mesmo tempo descartáveis e responsáveis por fixar-se ao inconsciente com suas adversões implícitas. Aos donos do *show business*, interessa que as imagens choquem o suficiente para receberem instantes de atenção; à indústria bélica, quanto mais vídeos de corpos amontoados sejam sucedidos por danças repetitivas ou dicas de emagrecimento, tanto mais serão favorecidos pelo desconhecimento do quanto lucram com projetos de morte, sobre um planeta hiperconectado: onde as coronhas projetadas em Israel acertam cabeças no Rio de Janeiro e o petróleo brasileiro abastece os tanques sionistas que cercam a Palestina (Bouchard, 2025).

Se para Adorno e Horkheimer (1985) a moralidade após Auschwitz exigiria um impulso somático à compaixão, capaz de ultrapassar a fortaleza da razão instrumental, é esperado que o esvaziamento da realidade - subjugada à lei de troca e de consumo -, substituída por suas representações midiáticas, culmine, então, no esvaziamento do substrato da compaixão, que é a capacidade de extrapolar os limites desta mesma corporeidade para supor em si uma fração da dor do outro. Às vidas que vagam por um mundo em ruínas, porém, se impõe a difícil tarefa de conceber a morte generalizada como uma perda para a humanidade, já que, como vemos em Freud (1915), o lamento diante da morte é fruto da ambivalência - ambivalências negadas pela indústria cultural, que nos acostumou com um *mundo-como-ele-é*. Ao se oferecer pronto e acabado, o mundo administrado poda, sobretudo, a possibilidade de um sistema em aberto, que denuncie

as violências do existente, que contemple o não-idêntico e, portanto, o movimento, que garante ao sujeito a chance de depositar algo de si mesmo ao objeto e, desse modo, reinventá-lo.

Uma apologia ao fantasiar, em tempos de desilusão, enquanto uma defesa da esperança como momento de verdade da ilusão, necessita de ter ao lado uma apologia à sensibilidade. Somente ao fazer frente à apatia, que nos priva da identificação com aqueles que sofrem, se torna possível fazer juízo das profundezas dos afetos que, como Freud (1915) esclareceu, orientam a moralidade. Para que o genocídio, a tortura e a injustiça voltem a ser inaceitáveis nessa sociedade, é preciso incutir em sujeitos e espaços a capacidade de suportar a autonomia do pensamento e a expressão conflitante da afetividade, e, desse modo, de suportar o encontro com os esforços necessários para as transformações possíveis. Sobretudo, é preciso ir em busca do que restou de nós mesmos para oferecermos ao que restou deste mundo.

Referências

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Televisão como ideologia. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Indústria cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Tempo Livre. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Palavras e Sinais II**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

ARÃO, Cristian. A caixa de Pandora do neofascismo: por que as redes sociais privilegiam a extrema direita?. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/a-caixa-de-pandora-do-neofascismo-por-que-as-redes-sociais-privilegiam-a-extrema-direita>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BOUCHARD, Joseph. Como armas e equipamentos de Israel turbinam a repressão na América Latina. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/10/30/como-armas-e-equipamentos-de-israel-turbinam-a-repressao-na-america-latina/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio: notas de uma**

repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Rodrigo. Esquematismo e semiformação. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200007>. Acesso em: 23 nov. 2025.

FREUD, Sigmund. Contribuições atuais sobre a guerra e a morte. In: **Introdução ao narcisismo, ensaios sobre metapsicologia e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: **Introdução ao narcisismo, ensaios sobre metapsicologia e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia. In: **O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Revista Concinnitas**, 1(26), 86-96. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/20102/14422>. Acesso em: 04 mai 2026.